
A GUERRA NEOLIBERAL DE IDEIAS

Diogo Ramos*

Resumo:

É já um lugar-comum a alegação de que viveríamos numa era pós-ideológica, uma na qual projetos utópicos não teriam mais qualquer vigor significativo. Contestamos aqui esta alegação, mostrando algumas das ideias professadas por importantes pensadores e atores neoliberais — especialmente suas defesas da importância do reino das ideias para a promoção de seu projeto político de uma sociedade de livre mercado e suas alegações sobre a existência de uma “guerra de ideias” entre eles (individualistas autoproclamados) e seus inimigos (os ditos coletivistas). Dada a influência generalizada (e ainda crescente!) que estes pensadores e ideias têm tido em nosso tempo, tal tópico deveria ser objeto de uma maior atenção não só de ativistas políticos e cientistas sociais, como também de filósofos: os hegelianos (como eu) que pensam ser a filosofia o seu próprio tempo em conceito, os foucaultianos que queiram fazer uma ontologia do presente ou os marxistas que queiram fazer uma crítica da ideologia deveriam tomar o neoliberalismo como objeto filosófico de primeira ordem.

Palavras-chave:

Neoliberalismo; ideologia; teoria crítica.

THE WAR OF NEOLIBERAL IDEAS

Abstract:

It is frequently alleged that we live in a post-ideological era, one in which utopian projects don't hold any significant force anymore. We contest here this claim, by showing some of the ideas professed by some important neoliberal thinkers and actors — especially their defense of the importance of the realm of ideas to promote their project of a free market society, and their claim about the existence of a “war of ideas” between them (self-proclaimed individualists) and their enemies (the so called collectivists). Given the widespread (and still growing!) influence these neoliberal thinkers and ideas are having on our time, such a topic deserve a greater attention not only from political activists and social scientists, but also from philosophers: Hegelians (like me) who think philosophy is its own time in thought, Foucaultians who want to do an ontology of the present, or Marxists who want to do a critique of ideology should take neoliberalism as a philosophical object of first rank.

Keywords:

Neoliberalism; ideology; critical theory.

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A guerra neoliberal de ideias

Estou cada dia mais convencido que o trabalho teórico realiza mais no mundo que o trabalho prático; uma vez que o reino das ideias seja revolucionado, a realidade não consegue resistir. (Carta de Hegel a Niethammer de 28 de outubro de 1808; em HOFFMEISTER, 1969, p. 251)

Diz-se que Jean Meslier, o “padre ateu” setecentista, defendia que os homens não seriam felizes antes que o último dos reis fosse enforcado com as tripas do último dos padres. Os situacionistas franceses nas revoltas de maio de 1968 parafrasearam Meslier, dizendo que a humanidade não seria feliz antes que o último dos burocratas fosse enforcado com as tripas do último dos capitalistas. Não seria hora de parafrasearmos Meslier mais uma vez, agora dizendo que a humanidade não será feliz antes que o último dos economistas seja enforcado com as tripas do último dos banqueiros?

A crise financeira de 2008 tem despertado um renovado interesse não só pela nossa situação econômica, como também pelo papel que os economistas têm tido na justificação e direção das políticas públicas contemporâneas, nos seus mais variados âmbitos. Agora não apenas críticos radicais à economia e cultura hegemônica atual, como mesmo uma parcela significativa dos próprios membros da ortodoxia econômica tem demonstrado desconforto com a influência e comportamento que boa parte dos seus colegas tem tido sobre questões políticas contemporâneas, clamando por reformas na própria disciplina. Ilustres economistas como Joseph Stiglitz e Paul Krugman têm promovido uma batalha pública contra certas ideias e diretrizes econômicas, reclamando por um retorno ao keynesianismo; além disso, vários são os livros que têm atacado não só certas teses neoliberais, como mesmo a ortodoxia econômica contemporânea (por ex., CROUCH, 2013; KEEN, 2011; MIROWSKI, 2014; QUIGGIN, 2010); além de vários congressos de economistas virem discutindo a situação da disciplina e o modo como reagiu (ou não) àquela crise. Parece então que não foi apenas uma bolha financeira que estourou espetacularmente em 2008.

Contudo, por mais que esta crise tenha posto em questão entre os próprios economistas *mainstream* certas posições neoliberais, principalmente a *idée fixe* da autorregulamentação do mercado, elas não parecem estar cedendo tão facilmente quanto se esperava. Frequentes vezes se proclamou, nos anos seguintes ao início da crise, a

morte do neoliberalismo, mas este continua vigoroso tanto entre ministros e legisladores quanto entre parte significativa dos próprios economistas acadêmicos. Para se ter uma noção da situação, basta perceber que as polêmicas medidas econômicas propostas pelo passado ministro das finanças grego Yánis Varoufákis nada mais são do que medidas keynesianas moderadas.

Quero sugerir que esta situação se deve ao fato de que estas proposições neoliberais sobre política econômica, criticadas por economistas como Paul Krugman e muitos ativistas de esquerda, são apenas a ponta do iceberg constituído pelo neoliberalismo, de modo que atacá-las, sem dar a devida atenção ao volume submerso que as sustenta, não surtirá efeito — ou ao menos não o efeito desejado, pois mesmo que a parte exposta seja destruída, ela vai apenas ser substituída por outra, sem afetar significativamente o conjunto no seu todo.¹ Por isso, em vez de descrever o neoliberalismo como um mero conjunto de políticas econômicas heterogêneas (como a desregulamentação, a privatização, o monetarismo) ou como meras teses particulares no interior da teoria econômica contemporânea (como a hipótese da eficiência do mercado, certas variações do agente representativo ou de modelos matemáticos de tipo DSGE) é preciso dar a devida atenção ao amplo aparato intelectual que sustenta estas peculiaridades mais visíveis e, no caso das propostas de política econômica, de impacto social mais urgente.

Certamente a causa desta dificuldade em descrever adequadamente o projeto neoliberal em sua amplitude intelectual se deve ao fato que, apesar de ter seu núcleo na Sociedade Mont Pèlerin, ele se desenvolveu no ambiente intelectual do pós-guerra em íntima conexão com diversas disciplinas acadêmicas, não apenas a ciência econômica. Basta tomar-se como exemplo a teoria da escolha pública (*public choice theory*) de James Buchanan e Gordon Tullock, ambos membros da Sociedade Mont Pèlerin, para se ver não só a influência do projeto neoliberal sobre as diversas ciências sociais, como também sua íntima proximidade com ideias e teorias que não chegam a ser propriamente neoliberais: a teoria da escolha pública é uma transformação neoliberal da

1 Há um grave problema com esta metáfora do iceberg que uso, por sugerir que o neoliberalismo é uma estrutura sólida em decomposição, quando é mais apropriado descrevê-lo como um movimento ideológico vivo e em constante transformação, que pode muito bem vir a se fortalecer ainda mais nos anos que virão. Uso a metáfora do iceberg apenas para alertar quanto à imensa massa ideológica não percebida por boa parte de seus críticos.

teoria dos jogos de John Nash, da escolha social de Kenneth Arrow e do comportamento estratégico de Thomas Schelling — autores que, apesar de não serem propriamente neoliberais, partilham de muitos dos mesmos pressupostos. Há uma proximidade muito grande entre o pensamento neoliberal e boa parte do desenvolvimento teórico das ciências sociais (especialmente na academia americana) na segunda metade do século XX.

Mas seria então possível falar no “neoliberalismo” como um movimento coerente e único, de modo a justificar o termo? Muitos atualmente criticam seu uso, em grande medida devido à disparidade de descrições e à conotação fortemente depreciativa por ele adquirida (devido à frequente restrição da atenção dos críticos às políticas públicas mais polêmicas, como mencionamos anteriormente). Apesar disto, é seguramente possível falar com toda propriedade no neoliberalismo como um projeto ideológico próprio, se atentarmos à Sociedade Mont Pèlerin e o círculo de intelectuais e instituições ao seu redor (seguindo a proposta de Philip Mirowski e Dieter Plehwe de ver no neoliberalismo um “coletivo de pensamento”, um *thought collective*; ver MIROWSKI; PLEHWE, 2009; PECK, 2008; mas também PLEHWE et al., 2006; TURNER, 2008; BURGIN, 2012; JONES, 2012). Por maiores que sejam as diferenças e divergências entre seus membros, há também significativos pressupostos, argumentos e objetivos por eles compartilhados (por exemplo, certa noção de liberdade ou a defesa de uma sociedade de livre mercado). Aliás, a mesma situação existe em todo e qualquer movimento intelectual significativo: bastar tomar o caso do marxismo — com sua miríade de intelectuais e ativistas, provindos dos mais diversos países e épocas, com as mais diversas formações intelectuais e as mais diferentes ambições pessoais — para ver que, a despeito de toda complexidade e alterações pelas quais passou no seu século e pouco de existência, mesmo assim falamos num movimento único. No caso do marxismo, a referência a Marx como autoridade teórica provavelmente pode servir como critério de demarcação. No caso do neoliberalismo, podemos tomar como critério heurístico a vinculação de teóricos e ideias à Sociedade Mont Pèlerin.²

2 Apesar deste ser um critério mais problemático para lidar com novas teorias e conceitos emergidos de forma aparentemente independente nos últimos anos, agora que as ideias neoliberais já estão difusas pela sociedade contemporânea como um todo. Tenho em mente particularmente o neologismo *artrepreneur* que vem ganhando voga nos últimos anos (cf. HARVIE, 2013, cap. 2).

O termo “neoliberalismo” também se justifica por ter sido utilizado pelos próprios membros da Sociedade Mont Pèlerin para se autodescreverem. Ao que parece ele foi usado inicialmente no Colóquio Walter Lippman em 1938 para distinguir, do tipo de liberalismo pró “coletivismo” então prevalecente, a proposta em discussão de um retorno aos velhos e verdadeiros ideais individualistas do “liberalismo clássico”, mas numa versão modernizada para atender às exigências do tempo. Os vários membros daquele colóquio procuravam rejuvenescer o que alegavam ser o liberalismo autêntico, purificado dos elementos estranhos introduzidos pelos chamados “liberais modernos” da época, o que requeria o desenvolvimento de novas teorias do Estado, da economia e da sociedade, adequadas a alguns dos dogmas liberais tradicionais, num processo intelectual de renovação de primeira ordem. Isto aparece claramente no texto de Milton Friedman, *Neo-Liberalism and its Prospects* (FRIEDMAN, 1951), no qual ele descreve o neoliberalismo como uma “nova fé” que deveria evitar o “erro básico na filosofia individualista do século dezenove” de “atribuir quase nenhum papel ao Estado além da manutenção da ordem e garantia do cumprimento dos contratos” — devido ao ideal de *laissez faire* —, o que fez o antigo liberalismo subestimar “o perigo que indivíduos privados por meio de acordo e combinação podem usurpar o poder e efetivamente limitar a liberdade de outros indivíduos” (Friedman neste texto apresenta a política monetária como área na qual o Estado deve ter um papel ativo de administração na economia). Ao final da década de 1950, os membros da Sociedade Mont Pèlerin decidiram não mais se autodescreverem como neoliberais, preferindo se chamar de “liberais clássicos” (em contraposição aos “liberais modernos” pró “coletivismo”, como Keynes); contudo, em nada mudaram sua atitude de não se contentar em papagaiar Locke, Adam Smith ou o slogan *laissez faire*, mas de desenvolver moderníssimas teorias sobre variados assuntos. Os neoliberais não só se mantiveram atualizados com os desenvolvimentos teóricos de boa parte das ciências sociais do século vinte, como também contribuíram significativamente eles próprios para o desenvolvimento delas.

Outra justificativa para o termo neoliberalismo é a importância da organização e do trabalho coletivo para este movimento. Os membros da Sociedade Mont Pèlerin podem muito bem ser descritos como *individualistas organizados* — por mais irônica

que possa ser esta expressão.³ Isto se deve ao fato de Hayek nos anos 1940 ter percebido a capacidade dos chamados *think tanks* (especialmente a London School of Economics, a Fabian Society e o Brooking Institute) de influenciar os debates e as políticas públicas em prol do “coletivismo”, contra o qual Hayek lutava. O resultado foi sua convicção da necessidade de organizar o que ele próprio chamou de “um exército de combatentes pela liberdade” (*apud* TURNER, 2008, p. 7) a partir de instituições que pudessem gerar e difundir novas teorias em prol do individualismo. De acordo com o diagnóstico de Hayek (ver HAYEK, 1949), os socialistas tinham conseguido fazer pender as políticas públicas para o lado do coletivismo, conquistando primeiramente acadêmicos, intelectuais e outros formadores de opinião pública, de modo a consequentemente influenciar a opinião pública em geral e, finalmente, as políticas públicas em prol do coletivismo. Sua proposta era emular este processo, criando novas instituições (ou transformando as existentes, como aconteceu com o departamento de economia da Universidade de Chicago) que pudessem servir de centros difusores dos “verdadeiros” ideais liberais. Além da Sociedade Mont Pèlerin, criada e gerida diretamente por Hayek,⁴ algumas das principais organizações resultantes foram Foundation for Economic Education, Institute for Economic Affairs, Centre for Policy Studies, Heritage Foundation, Hoover Institute, Cato Institute e Atlas Economic Research Foundation.⁵

O primeiro sucesso político das ideias neoliberais se deu na Alemanha da década de 1950, quando foi posta em prática a teoria da economia social (*sozialwirtschaft Markt*) de Walter Eucken, Alexander Rüstow, Wilhelm Röpke e outros membros do chamado ordoliberalismo. Nos EUA deste período, Milton Friedman, George Stigler e outros começaram a focar mais no mercado, fazendo uma crítica mais radical ao Estado

3 O próprio Buchanan chega a descrever como um clã ou tribo, sem qualquer intenção irônica, os membros da Sociedade Mont Pèlerin, da qual ele fazia parte (BUCHANAN, 2005, p. 62).

4 Outra ironia neoliberal é o fato de uma ideologia que apregoa a ordem espontânea, a sociedade aberta e o “mercado de ideias” ter sido gestada numa sociedade tão fechada e exclusiva, sob um rígido controle de quem poderia participar das reuniões. Por vários anos Hayek escolhia pessoalmente os candidatos à filiação e sempre exigia a indicação de pelo menos dois membros para a aceitação de candidaturas (MIROWSKI; PLEHWE, 2009, p. 16).

5 Particularmente interessante é a Atlas Foundation, que financia e ajuda a organizar ONGs com o mesmo propósito ao redor do mundo, inclusive no Brasil. As várias organizações “libertárias” brasileiras têm vínculo direto com a Atlas (ver AMARAL, 2015) e, dado que estas se limitam a propagandar um corpo doutrinário que já encontram desenvolvido, muito se assemelham às seções da Internacional Comunista ao redor do mundo. Aliás, as atividades de discussão teórica destas organizações libertárias em nada diferem das atividades de “formação de quadros” dos partidos comunistas.

de bem-estar social que os ordoliberalis alemães e alterando significativamente o caráter neoliberal, especialmente quanto à sua atitude diante das grandes corporações.⁶ Foi, contudo, apenas a partir da década de 1970 que as ideias neoliberais conquistariam um sucesso político mais visível, quando Margaret Thatcher na Inglaterra, Ronald Reagan nos EUA e Augusto Pinochet no Chile (e possivelmente Deng Xiaoping na China, ver HARVEY, 2005, cap. 5; FRIEDMAN, 1998, cap. 30) tentaram promover sob sua influência reformas polêmicas nos respectivos países. Este avanço político, entretanto, apesar de seguramente ter dependido fundamentalmente das situações históricas peculiares daqueles anos nas quais se encontravam os respectivos países, só foi possível por naquela época o neoliberalismo já se apresentar como proposta política alternativa, articulada e com credibilidade acadêmica para conquistar a confiança de parte da classe política. Por isso não se deve cair no frequente erro (como faz por exemplo David Harvey) de apresentar a história do neoliberalismo sem dar a devida atenção ao seu corpo doutrinário e à sua presença na academia contemporânea.

Também por esse motivo, é um erro ver o neoliberalismo como uma teoria mera ou fundamentalmente econômica, num sentido restrito. Não só os neoliberais se envolveram e envolvem com uma ampla gama de disciplinas acadêmicas e aplicaram suas versões prediletas das ciências sociais a uma gama substancial de questões sociais — por exemplo, é com Friedman, Buchanan e outros neoliberais americanos que a estratégia do “individualismo metodológico” conseguiu influenciar outras ciências sociais, formando o que às vezes se chama em inglês de *economics imperialism*, isto é, o uso das ciências econômicas como paradigma metodológico para outras ciências sociais (ver AMADAE, 2003, p. 146ss) —, como também (e principalmente) seus textos sempre têm um caráter fortemente normativo e se comprometem com uma série

6 Por ser um projeto ideológico internacional, certas peculiaridades nacionais de seus membros influem significativamente sobre o tom e certas características das ideias neoliberais: Milton Friedman e outros membros da chamada Escola de Chicago têm o típico tom americano de *frontier cowboys*, que em grande medida, pelo menos em suas intervenções populares, enfatizam a denúncia do governo como um intruso que quer roubar nossas propriedades tão laboriosamente adquiridas (e terminam por justificar o capitalismo corporativo); os ordoliberalis alemães gestaram-se sob o contexto do neokantismo e da instabilidade política da República de Weimar, de modo a apresentarem muito mais salientemente a tendência ao legalismo autoritário kantiano, seu inflexível universalismo e a exigência por lei e ordem (traço ainda visível no comportamento do atual ministro das finanças alemão, Wolfgang Schäuble); enquanto o austríaco Ludwig von Mises é de um liberalismo mais dogmático e antiquado (e intolerante). Hayek era o mais cosmopolita de todos, além de o mediador com o papel de impedir que as discordâncias levassem à dissolução do grupo.

de posições filosóficas sobre a natureza da liberdade, da identidade individual, do conhecimento etc. Quero com isso alegar que o neoliberalismo é claramente um projeto político-filosófico com uma ideologia toda própria, uma visão abrangente e articulada de mundo, com seus preceitos sobre como os indivíduos e a sociedade devem ser.

Pela mesma razão estão profundamente enganados aqueles que alegam vivermos numa era pós-ideológica na qual projetos utópicos não têm mais vigor significativo. Basta tomar a conclusão de Hayek em *Intellectuals and Socialism* para ver o quão ambicioso foi seu projeto político-filosófico:

A principal lição que o verdadeiro liberal deve aprender com o êxito dos socialistas é que foi a coragem deles de serem utópicos que lhes conquistou o apoio dos intelectuais e assim a influência sobre a opinião pública, tornando possível a cada novo dia o que até recentemente parecia completamente remoto. Aqueles que se preocupam exclusivamente com o que parece praticável na atmosfera de opiniões existente têm constantemente descoberto que mesmo isto rapidamente se torna politicamente impossível, por causa da mudança na opinião pública, que nada fizeram para guiar. A não ser que possamos tornar os fundamentos filosóficos de uma sociedade livre mais uma vez uma questão intelectual viva, e sua implementação uma tarefa que desafia o engenho e a imaginação de nossas mentes mais brilhantes, os prospectos da liberdade serão de fato tenebrosos. Mas se pudermos reconquistar aquela crença no poder das ideias que foi a marca do liberalismo em seu auge, a batalha não estará perdida. O renascimento intelectual do liberalismo já está em curso em muitas partes do mundo. Será a tempo? (HAYEK, 1949, p. 433)

Aqueles que se limitam ao realismo e pragmatismo acabam se tornando os bobos da história, pois acabam não fazendo o fundamental: lutar a “guerra das ideias” para moldar a opinião pública. John Blundell, outro membro da Sociedade Mont Pèlerin e antigo diretor da Institute for Economic Affairs (IEA), na sua coletânea de ensaios e conferências *Waging the War of Ideas*, comenta que Antony Fisher (o criador da IEA) certa vez em 1944 se encontrou com Hayek, querendo ajudar a “causa da liberdade”, e a ele perguntou se deveria entrar para a política. A resposta de Hayek: “Não. O curso da sociedade só será alterado por uma mudança nas ideias. Primeiro debes alcançar os intelectuais, professores e escritores, com argumentos ponderados. Será então a influência deles sobre a sociedade que irá prevalecer, e os políticos os seguirão”. Mais adiante Blundell comenta:

Lá pela metade dos anos 1970 já estava claro que o consenso estava se afastando do planejamento estatal em direção a soluções de mercado, e também estava claro que a IEA era responsável.

De fato, ao se tornar primeira-ministra no verão de 1979, a senhora Thatcher escreveu para Fisher, “Você criou a atmosfera que tornou nossa vitória possível”. E alguns anos mais tarde, num discurso pela ocasião do trigésimo aniversário da IEA, a senhora Thatcher complementou, “Deixe-me dizer quão agradecidos estamos àqueles que se juntaram ao

nosso grande esforço. Eles eram poucos, mas eles estavam certos, e eles salvaram a Grã-Bretanha” ...

É contra este pano de fundo que a explosão de interesse por ideias de mercado nos anos 1970 e 1980 deve ser julgada e entendida ...

A tentação hoje é pensar que a batalha de ideias está vencida e que tudo o que devemos fazer é implementar a reversão do Estado. A Fabian Society fez um erro análogo em 1945. Com a vitória gigantesca do Partido Trabalhista nas eleições daquele ano, seus membros correram para o governo e deixaram um vácuo no campo de batalha das ideias. Isto permitiu ao IEA crescer em influência sem oposição de qualquer contraparte socialista até que fosse estabelecido o Institute for Public Policy Research em 1988.

Num sentido muito real, a batalha de ideias nunca será vencida. Não importa quão longe avançarmos no caminho para uma sociedade livre, sempre haverá a tentação de voltar atrás e assim sempre haverá uma tarefa para liberais de mercado em todos os níveis, do prático ao acadêmico. Em particular, devemos garantir que o pensamento liberal continue a ser relevante e inspirador. Os acadêmicos liberais devem continuamente fazer trabalhos desafiadores e avançados [*challenging, cutting-edge work*] e tentar estar na liderança de suas disciplinas. (BLUNDELL, 2007, p. 42)

Blundell, Fisher, Thatcher e outros tantos *true believers* no livre mercado há anos têm tido a melhor. Mas por quanto tempo mais?

Contudo, o próprio Blundell alerta (2007, pp. 44–45) que seu sucesso por enquanto tem se concentrado em algumas disciplinas, como nas ciências política, econômica e no direito (“apesar do gasto de algumas centenas de milhões de dólares, talvez mesmo um bilhão de dólares, para financiar cátedras pela livre empresa”). Por outro lado, disciplinas como “história, filosofia moral e literatura são um assunto diferente”, e são “áreas que nossos amigos no mundo das fundações deveriam demandar que abordássemos”. “Uma vez amadurecidos e bem estabelecidos em suas disciplinas, nossos acadêmicos deveriam ser encorajados a sair da torre de marfim e se adentrar no discurso público ... seguindo os passos de Milton Friedman, Robert Nisbet e Michael Novak”. Aliás, não se deve negligenciar a importância dos “intelectuais” (aqueles que Hayek chamou de “comerciantes de segunda mão de ideias” — *second-hand dealers of ideas*), gente como “jornalistas, religiosos, escritores, cartunistas, cineastas e editores”, “pessoas que traduzem e transmitem ideias para o público geral” e formam a linha de frente na guerra de ideias.

Não precisamos lidar aqui com os peões desta batalha, pois gente com patente mais graúda — bispos e cavaleiros como Gary Becker e James Buchanan, além de generais como Hayek e Friedman — têm um papel mais importante na definição da estratégia política neoliberal. Hayek ele mesmo tem um quê do vanguardismo leninista, cuja convicção ideológica lhe permitiu assumir o papel de coordenar e inspirar o movimento; e Milton Friedman, que assumiu a liderança da Sociedade Mont Pèlerin

depois de Hayek, teve um papel central na formação e difusão das doutrinas neoliberais, principalmente nos EUA — ao ponto de muitos lá o verem, nas palavras de George W. Bush, como o grande “herói da liberdade ... que usou uma mente brilhante para avançar uma visão moral ... de uma sociedade na qual homens e mulheres são livres, livres para escolher, mas onde o governo não é tão livre para se sobrepôr às suas decisões. Esta visão mudou a América, e está mudando o mundo” (BUSH, 2002). Também é digno de nota o elogio de outro pupilo e amigo próximo seu, o antigo secretário de defesa norte-americano Donald Rumsfeld:

Milton é a corporificação da verdade de que “ideias têm consequências”. Ao longo de sua carreira, ele recusou ofertas para cargos influentes, dentro e fora do governo, preferindo lutar a batalha de ideias, confiando que argumentos ponderados poderiam mudar o curso da história. E de fato, como acabamos de ouvir de Gary Becker, Ed Meese e Alan Greenspan, elas mudaram o curso da história. (RUMSFELD, 2002b)

Milton Friedman ele próprio, contudo, tendia a dar uma descrição um pouco diferente, menos belicosa e mais oportunista, do seu sucesso histórico, pois geralmente tendia a enfatizar mais a força dos eventos e crises como condições fundamentais para mudanças nas políticas públicas, apesar de ainda assim reconhecer o papel crucial que ideias e projetos alternativos aos dominantes tiveram nos momentos de crise social. Como descreveu certa vez numa conferência a respeito de sua proposta de câmbio flutuante:

Por mais de vinte e cinco anos pregávamos as virtudes das taxas flutuantes de câmbio. Isto não teve absolutamente nenhum efeito sobre ninguém. Ninguém se persuadiu sobre isto. Até que a força bruta dos eventos produziu crises de câmbio. O sistema de câmbio fixo de Bretton-Woods estava obviamente obsoleto, e não podia ser preservado. As pessoas são bem conformistas [*stick-in-the-mud*]. Todos odiamos as mudanças, gostamos de continuar do jeito que estamos, só mudamos quando somos forçados a mudar. Mas quando chegou o tempo de mudar, quando o velho sistema de câmbio fixo caiu, o fato de que estávamos falando sobre câmbios flutuantes, discutindo suas virtudes, analisando os problemas que ele acarretaria e como poderia funcionar, significou que já havia uma alternativa pronta para ser testada.

Do mesmo modo que o peso crescente da taxa e que a reação crescente contra regulamentações sucessivas se faziam sentir, o fato de que havia pensadores na época que estavam delineando alternativas de livre mercado passou a significar que estas alternativas agora entraram no reino do possível. Elas estavam disponíveis para serem adotadas. Na minha opinião este é o papel real do pensador, não o de produzir a mudança fundamental. (*apud* JONES, 2012, p. 220)

Estar preparado para aproveitar a oportunidade que as crises oferecem, eis a estratégia sugerida por Friedman. Ou como ele colocou noutra vez, é necessário

manter as opções abertas até que as circunstâncias tornem as mudanças necessárias. Há uma inércia enorme — uma tirania do status quo — nos arranjos privados e especialmente nos governamentais. Somente uma crise — real ou percebida — produz mudanças reais. Quando uma crise ocorre, as ações tomadas dependem das ideias disponíveis. Isto, creio, é nossa função básica: desenvolver alternativas às políticas existentes, mantê-las vivas e disponíveis até que o politicamente impossível se torne politicamente inevitável. (FRIEDMAN, 2002, p. xiv)

Esta sua descrição do oportunismo como método, entretanto, apresenta uma imagem demasiadamente benigna sua, pois Friedman claramente aprendeu que as crises são também momentos muito oportunos para a imposição à força das impopulares reformas por ele defendidas. Como comenta Naomi Klein em seu livro *A Doutrina do Choque*, “algumas pessoas costumam estocar alimentos enlatados e água para enfrentar grandes desastres; os seguidores de Friedman estocam ideias em defesa do livre mercado” para impor nos momentos de desespero e atordoamento social “mudanças súbitas e irreversíveis, antes que a sociedade abalada pela crise volte à tirania do status quo” e recobre suas forças para resistir às impopulares reformas neoliberais (KLEIN, 2007, p. 16). Por exemplo, no seu último texto publicado, Friedman dizia haver na destruição provocada pelo Furacão Katrina uma grande “oportunidade para reformar radicalmente o sistema educacional”, para substituir as escolas públicas por uma distribuição de cupons para o ingresso na rede privada de ensino (FRIEDMAN, 2005), uma proposta que há anos vinha sendo objeto de intensa resistência. Mas eis que “o Katrina realizou num dia ... aquilo que os reformadores educacionais da Louisiana vinham tentando fazer durante anos sem sucesso” (*apud* KLEIN, 2007, p. 15).

Apesar de Naomi Klein ter razão ao enfatizar terem sido inúmeros os casos em que esta “doutrina do choque” foi posta em prática — como no golpe de Pinochet no Chile, na queda da União Soviética, na Guerra do Iraque e no tsunami de 2004 no sudeste asiático —, deve-se perceber que estes são apenas casos mais extremos em que a força natural ou militar foi útil para a promoção das reformas neoliberais. Inúmeros casos menos dramáticos, porém, dependeram mais de uma outra força, menos tangível mas mais penetrante e ubíqua: a força das ideias.

Ainda frequentemente o ideário neoliberal está intimamente associado ao conservadorismo, especialmente o americano; algo certamente notável e aparentemente contraditório, provavelmente devido à dicotomia intuitiva, mas enganadora, entre “liberalismo” e “conservadorismo”, dois termos que frequentemente assumem conotações inversas nos diferentes países. Contudo, como Edwin Feulner (um dos

fundadores da Heritage Foundation — *think tank* declaradamente conservador — e antigo membro, presidente e tesoureiro da Sociedade Mont Pèlerin, destarte um dos *true liberals* escolhidos a dedo por Hayek) certa vez tentou esclarecer, a confusão entre estes termos pode ser amenizada se percebermos que “a Sociedade Mont Pèlerin foi fundada ... para defender os princípios daquilo que os europeus chamam de ‘liberalismo’ (em oposição ao ‘estatismo’) e que os americanos chamam de ‘conservadorismo’ (em oposição ao ‘liberalismo’): livre mercado, governo limitado e liberdade pessoal sob o império da lei” (*apud* MIROWSKI; PLEHWE, 2009, p. 2). De fato, a vinculação do neoliberalismo com o neoconservadorismo americano também pode ser percebida por muitos dos membros americanos da Sociedade Mont Pèlerin pertencerem também aos círculos neoconservadores naquele país. Aqueles que publicamente recusaram o rótulo de conservadores (como BUCHANAN, 2005; ver também HAYEK, 2011, p. 519ss.) o fizeram por razões filosóficas gerais e não para se distinguirem dos seus colegas — para os quais, aliás, a defesa dos EUA, do Ocidente e da liberdade rotineiramente se confundem. Como Feulner noutro texto declarou: “Governo limitado. Liberdade individual. Livre empresa. Uma defesa nacional forte. Valores tradicionais americanos. Estes são os conceitos que informaram a pesquisa da Heritage no passado e continuarão a fazê-lo nos anos adiante” (FEULNER, 2009, p. 69). E não custa lembrarmos mais uma vez que Donald Rumsfeld, antigo secretário de defesa de George W. Bush, era amigo e pupilo de Milton Friedman.

Ainda mais, Rumsfeld promoveu uma verdadeira revolução neoliberal na estrutura militar do governo norte americano (ou talvez seja mais apropriado dizer que ele apenas assumiu sem reservas e levou ao extremo as tendências que vinham ganhando força naqueles anos; ver SINGER, 2007, 2011). No dia anterior aos atentados de 11 de setembro de 2001, Rumsfeld declarava num discurso (RUMSFELD, 2001) existir “um adversário que apresenta uma ameaça, uma séria ameaça, à segurança dos Estados Unidos da América. Este adversário é um dos últimos bastiões no mundo do planejamento centralizado. Ele governa ditando planos quinquenais”. O adversário era ninguém menos que a “burocracia do Pentágono”. Rumsfeld, porém, dizia “não ter o desejo de atacar o Pentágono; eu quero libertá-lo. Precisamos salvá-lo de si mesmo”. Era necessário libertá-lo da “uniformidade de pensamento e ação que nós muito frequentemente impomos” sobre as pessoas que lá trabalham; era necessário libertá-las

da uniformidade que “sufoca o pensamento livre e esmaga novas ideias”. Além da típica proposta de privatização e terceirização das atividades para reduzir os desperdícios burocráticos, havia, porém, uma razão adicional: o mundo tinha mudado, deixado de ser aquela divisão bipolar da Guerra Fria, “onde as ameaças eram visíveis e previsíveis”, e se transformou num “mundo onde elas surgem de múltiplas fontes, a maioria das quais é difícil antecipar, e muitas das quais são até impossíveis de conhecer hoje”. Por isso era necessário

encontrar incentivos para a burocracia se adaptar e aperfeiçoar ... Nossos processos e regulamentos parecem ser projetados para prevenir erros, e ao fazê-lo desencorajam riscos. Mas nossa é uma nação nascida de ideias e criada sob a improbabilidade, e a aversão ao risco não é a ética da América ... Aqueles que temem o perigo não se voluntariam para invadir praias e montanhas, velejar os mares e conquistar os céus. Agora devemos libertá-los para tomarem na burocracia alguns dos mesmos ponderados riscos ... O Sistema de Planejamento, Programação e Orçamento com seus 40 anos ... é realmente uma relíquia da Guerra Fria, um resquício dos dias em que era possível prever ameaças para os próximos anos porque se sabia quem nos estaria ameaçando pelas décadas seguintes ... é um dos últimos resquícios de planejamento centralizado na Terra. (RUMSFELD, 2001)

Eis que no dia seguinte uma destas imprevisíveis ameaças teve sucesso em atacar a *Homeland* norte americana. Alguns meses mais tarde, Rumsfeld publicou um artigo (RUMSFELD, 2002a) no qual retornou à questão da reforma militar, enfatizando ainda mais sua urgência: o desafio, dizia ele, “é assegurar que, à medida que o tempo passa e se enfraqueça o choque do que nos sobrepujou naquele dia, não retornemos simplesmente a fazer as coisas do modo como fazíamos antes”. Aquele momento de crise era por isso exatamente a hora para fazer as reformas. Para vencer os novos desafios era necessário “deixar de lado os modos confortáveis de pensar e planejar” para “defender nossa nação contra o desconhecido, o incerto, o invisível e o inesperado”. Era necessário “encorajar uma cultura de criatividade e tomada inteligente de riscos. Devemos promover uma abordagem mais empreendedora: uma que encoraje as pessoas a serem mais proativas, não reativas, e a se comportar menos como burocratas e mais como capitalistas de risco [*venture capitalists*]”.

Há, entretanto, de se evitar o erro de pensar que o ideário neoliberal se trata de um monopólio daqueles afins ao neoconservadorismo americano, pois, apesar de ter sido gestado e estar ainda frequentemente associado a grupos direitistas e conservadores, a partir da década de 1990 tal ideário se tornou tão hegemônico que

vários dos principais partidos de centro esquerda ocidentais adotaram e levaram adiante grande parte sua — como o Partido Democrata de Bill Clinton, o Trabalhista de Tony Blair, o SPD de Gerhard Schröder (BLAIR; SCHROEDER, 1998), e mesmo o PSDB de Fernando Henrique Cardoso (CARDOSO, 1996; PEREIRA, 2000). Esta que foi uma espécie de *belle époque* neoliberal (DAVIES, 2014a, 2014b) viu estes partidos se demonstrarem muito mais capazes que os conservadores para promover certas reformas sociais — como as transformações das políticas de bem-estar social em programas de incentivo ao empreendedorismo (ROY; DENZAU, 2004). Se for verdade, como certa vez declarou Margaret Thatcher, que “a economia é o método, o objetivo é mudar o coração e a alma”, os partidos de esquerda com todo seu progressismo se mostram veículos muito mais capazes de promover o sonho neoliberal. Quem não há de se encantar com o futuro tão promissor do memorável discurso de Tony Blair à Convenção do Partido Trabalhista em 1999?

O futuro são as pessoas. É a libertação do potencial humano não só como trabalhador mas também como cidadão. Não poder ao povo, mas poder a cada pessoa [*not power to the people, but power to each person*] para produzir o melhor que há em si. As pessoas nascem com talento e em todo lugar estão a ferros ... No século dezoito a terra era nossa riqueza, nos dezenove e vinte era a fábrica e o capital, hoje são as pessoas ... Mas como será possível desenvolver o talento de todos, a não ser em uma sociedade que nos trate a todos igualmente, onde as portas fechadas do esnobismo e do preconceito, da ignorância e da pobreza, do medo e da injustiça, não mais bloqueiem o caminho para a realização. Não igualdade de renda. Não uniformidade de modos de vida ou gosto ou cultura. Mas verdadeira igualdade: igual valor, igual chance de realização, acesso igual ao conhecimento e à oportunidade. Iguais direitos. Iguais responsabilidades. A luta de classes acabou. Mas a luta por uma igualdade verdadeira só começou ... E somos nós, os novos radicais, o Partido Trabalhista modernizado, quem deve realizar esta missão histórica. Libertar a Grã-Bretanha das velhas divisões de classe, velhas estruturas, velhos preconceitos, velhos modos de trabalhar e de fazer as coisas, que não servem para este mundo de mudanças ... Pois o século vinte e um não se dará na batalha entre capitalismo e socialismo, mas entre as forças do progresso e as do conservadorismo ... A velha ordem, aquelas forças do conservadorismo, a despeito de toda sua falação sobre a promoção do indivíduo e da liberdade, ela restringia as pessoas. Ela subjugava as pessoas. Ela abafava o potencial das pessoas. Ano após ano. Década após década ... Estas forças do conservadorismo nos restringem não só a uma visão atrasada dos potenciais das pessoas, mas também do potencial de nossa nação. O que ameaça o Estado-nação hoje não é a mudança, mas a recusa para mudar num mundo que está a se abrir, a se tornar mais interdependente. O velho ar de superioridade baseado na glória passada deve dar lugar para a ambição de vencer, baseado no mérito do que a Grã-Bretanha representa hoje ... A terceira via não é uma nova via entre a política progressista e a conservadora. Ela é a política progressista distinguindo-se do conservadorismo tanto da esquerda quanto da direita. (BLAIR, 1999)

Enquanto Rumsfeld queria libertar o Pentágono de si mesmo, Blair queria libertar os ingleses de si mesmos, de toda a velharia que atordoava suas potencialidades humanas. Esta promessa de felicidade e autorrealização feita por Blair alegava que as

crises econômicas, os ciclos de *boom and bust*, eram parte de um passado *Tory*. O que Blair não percebia, contudo, é que com todo seu moralismo visionário ele estava parecendo, como certa vez gozou Eric Hobsbawm, uma espécie de “Thatcher com calças” (HOBSBAWM, 2009).

É Blair um *true liberal*? Seria ele aceito por Hayek naquele exclusivo clube do monte Pèlerin? Provavelmente não, mas certamente Blair é um daqueles que tiveram a imaginação capturada pelo sonho neoliberal, quando a queda da União Soviética pôs em descrédito o comunista.

Desde então, aquelas que por muito tempo foram ideias e teorias marginais na mentalidade e na academia ocidentais, frequentemente dispensadas como extremistas e irrealistas, conseguiram mais e mais se arraigar e ocupar espaço no senso-comum e na ciência contemporânea. Ao estudar a literatura sobre o assunto, por vezes é difícil não ver nesta situação o resultado de um esforço concertado e tenaz para promover uma ideologia plena e articulada. E, por maior que seja a tentação de ver um caráter decrépito na ideologia neoliberal após o descrédito resultante da crise de 2008, ela tem se alastrado a passos largos nos últimos anos, particularmente no Brasil e no restante da América Latina, onde o dito “libertarianismo” tem avançado e conquistado crescente popularidade, principalmente entre a juventude (ver AMARAL, 2015).

Por isso, este deveria ser um objeto de maior atenção, não só das diversas ciências sociais (que já produziram alguns bons estudos sobre o assunto), mas também da filosofia, que certamente encontrará farto material filosófico no assunto: os neoliberais promovem compreensões particulares não só da sociedade e do indivíduo, como também do conhecimento e da ciência (MIROWSKI, 2011; MIROWSKI et al., 2010), e mesmo de arte e estética (HARVIE, 2013), além do que há uma ampla gama de obras e autores que contribuíram significativamente para o *status quo* neoliberal atual: não só economistas estritos como George Stigler e Robert Lucas, como também “cientistas” sociais como James Buchanan e Gary Becker, teóricos da ciência como Michael Polanyi e (em parte) Karl Popper; isto para não falar de Friedrich Hayek, cuja obra filosófica inclui até teorias sobre psicologia e biologia.

Não me parece ser um exagero dizer vivermos numa era neoliberal. Por isso, eu que nos meus devaneios aspiro a ser filósofo — um filósofo hegeliano — e compreender o espírito do meu tempo, quero ver as pessoas digladiando nesta guerra de

ideias. Mas espero não ser um velho e sim um jovem hegeliano, de modo que ainda torço para que, quando o neoliberalismo se tornar um objeto filosófico pleno, isto seja um sinal dos tempos de já o estarmos superando, um sinal de que ele se torna algo *passé*. Quem sabe?

Referências

- AMADAE, S. Rationalizing Capitalist Democracy: The Cold War Origins of Rational Choice Liberalism. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2003.
- AMARAL, M. A Nova Roupa Da Direita. Agência Pública, 2015. Disponível em: <<http://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>.
- BLAIR, T. Speech at the 1999 Labour Party Conference. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/politics/460009.stm>.
- BLAIR, T.; SCHROEDER, G. The Third Way and Die Neue Mitte. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/19990819090124/http://www.labour.org.uk/view/items/00000053.html>>.
- BLUNDELL, J. Waging the War of Ideas. London: The Institute of Economic Affairs, 2007.
- BUCHANAN, J. Why I, Too, Am Not a Conservative: The Normative Vision of Classical Liberalism. Cheltenham; Northampton: Edward Elgar, 2005.
- BURGIN, A. The Great Persuasion: Reinventing Free Markets Since the Great Depression. London: Harvard University Press, 2012.
- BUSH, G. W. Remarks in a Tribute to Milton Friedman. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=64064>>.
- CARDOSO, F. H. A Nova Esquerda de FHC: Entrevista à Folha. Folha de São Paulo, 1996. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/10/13/mais!/9.html>>.
- CROUCH, C. The Strange Non-Death of Neo-Liberalism. Cambridge: John Wiley; Sons, 2013.
- DAVIES, W. The Limits of Neoliberalism: Authority, Sovereignty and the Logic of Competition. Sage, 2014a.
- DAVIES, W. Entrepreneurs Are Violent. They Operate Without Any Kind of Regime of Justification, They Just Act: Interview by Tomás Undurraga and José Ossandón. Estudios de La Economía, 2014b. Disponível em: <<https://estudiosdelaeconomia.wordpress.com/2014/11/17/entrepreneurs-are-violent-they-operate-without-any-kind-of-regime-of-justification-they-just-act-an-interview-with-will-davies/>>.
- FEULNER, E. The Heritage Foundation. In: J. McGann; R. K. Weaver (Eds.); Think Tanks and Civil Societies, 2009. Transaction Publishers.
- FRIEDMAN, M. Neo-Liberalism and Its Prospects. Farmand, 89–93, 1951.
- FRIEDMAN, M. Capitalism and Freedom. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2002.

- FRIEDMAN, M. The Promise of Vouchers. *Wall Street Journal*, 2005. Disponível em: <<http://www.wsj.com/articles/SB113374845791113764>>.
- FRIEDMAN, M.; FRIEDMAN, R. *Two Lucky People: Memoirs*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1998.
- HARVEY, D. *A Brief History of Neoliberalism*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005.
- HARVIE, J. *Fair Play: Art, Performance and Neoliberalism*. London: Palgrave Macmillan, 2013.
- HAYEK, F. The Intellectuals and Socialism. *The University of Chicago Law Review*, v. 16, n. 3, 417–433, 1949. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1597903>>.
- HAYEK, F. *The Constitution of Liberty*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2011.
- HOBBSBAWM, E. Socialism Has Failed, Capitalism Is Bankrupt, so What Comes Next? *Guardian*, 2009. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/commentisfree/2009/apr/10/financial-crisis-capitalism-socialism-alternatives>>.
- HOFFMEISTER, J. (ED.). *Briefe von und an Hegel: 1785 Bis 1812*. Hamburg: Meiner Verlag, 1969.
- JONES, D. S. *Masters of the Universe: Hayek, Friedman, and the Birth of Neoliberal Politics*. New Jersey: Princeton University Press, 2012.
- KEEN, S. *Debunking Economics*. London; New York: Zed Books, 2011.
- KLEIN, N. *A Doutrina Do Choque: A Ascensão Do Capitalismo de Desastre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- MIROWSKI, P. *Science-Mart: Privatizing American Science*. Cambridge: Harvard University Press, 2011.
- MIROWSKI, P. *Never Let a Serious Crisis Go to Waste*. London; New York: Verso, 2014.
- MIROWSKI, P.; LAVE, R.; RANDALLS, S. Introduction: STS and Neoliberal Science. *Social Studies of Science*, v. 40, n. 5, 659–675, 2010. Disponível em: <<http://sss.sagepub.com/content/40/5/659>>.
- MIROWSKI, P.; PLEHWE, D. (EDS.). *The Road from Mont Pelerin: The Making of the Neoliberal Thought Collective*. Cambridge; London: Harvard University Press, 2009.
- PECK, J. Remaking Laissez-Faire. *Progress in Human Geography*, v. 32, n. 1, 3–43, 2008. Disponível em: <<http://phg.sagepub.com/content/32/1/3>>.

- PEREIRA, L. C. B. Nova Esquerda Social-Liberal Em Berlim. Folha de São Paulo, 2000. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1506200009.htm>>.
- PLEHWE, D.; WALPEN, B.; NEUNHÖFFER, G. (EDS.). Neoliberal Hegemony: A Global Critique. London; New York: Routledge, 2006.
- QUIGGIN, J. Zombie Economics: How Dead Ideas Still Walk Among Us. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2010.
- ROY, R.; DENZAU, A. Fiscal Policy Convergence from Reagan to Blair: The Left Veers Right. London: Routledge, 2004.
- RUMSFELD, D. DOD Acquisition and Logistics Excellence Week Kickoff—Bureaucracy to Battlefield., 2001. Disponível em:
<<http://www.defense.gov/speeches/speech.aspx?speechid=430>>.
- RUMSFELD, D. Transforming the Military: Riding into the Future. Foreign Affairs, 2002a. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/2002-05-01/transforming-military>>.
- RUMSFELD, D. Remarks at Tribute to Milton Friedman. Disponível em:
<<http://www.defense.gov/speeches/speech.aspx?speechid=216>>.
- SINGER, P. Can't Win with 'Em, Can't Go to War Without 'Em: Private Military Contractors and Counterinsurgency. Brookings Institute – Foreign Policy Paper Series, v. 4, 2007. Disponível em:
<<http://www.brookings.edu/research/papers/2007/09/27militarycontractors>>.
- SINGER, P. Corporate Warriors: The Rise of the Privatized Military Industry. New York: Cornell University Press, 2011.
- TURNER, R. Neo-Liberal Ideology: History, Concepts and Policies. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.